



## Capítulo 1

*“La religion dit: Croyez et vous comprenez. La science vient vous dire: Comprenez et vous croirez.”*

J. de Maistre <sup>1</sup>

“A religião diz: Creia e, então, compreenderá. A ciência diz: Compreenda e, então, crerá.”

— Então, Ivan Andreevitch, não deseja mesmo ficar aqui? Confesso que essa sua decisão me desapontou. Esperava que você ficasse conosco pelo menos um mês.

— Não, Philip Nikolaevitch. Vim apenas alertá-los que deixem logo este lugar malévolos que me provoca verdadeiro pavor.

Ivan Andreevitch era um velho almirante de aparência enérgica. Seu belo rosto era emoldurado por uma barba grisalha; seus grandes olhos acinzentados demonstravam certa amargura e indicavam que a vida não o havia poupado da luta, nem das decepções.

— Mas, padrinho, fique! Eu lhe peço! Veja como este lugar é ótimo! Olhe que belo panorama, que ar puro e revigorante! — interrompeu a conversa uma jovem que estava

---

1 — Josephe de Maistre (1753-1821) - Escritor e diplomata nascido na Sabóia, quando esta ainda não pertencia à França. Monarquista e católico fervoroso, foi um anti-revolucionário e inimigo literário do Racionalismo, do qual destacou suas falhas.

sentada próxima.

Afastando o prato com morangos, ela correu para perto dos dois e apontou para a paisagem que se descortinava à sua frente.

No sopé da colina, onde fora construída aquela casa, havia um belo lago com uma ilha de vegetação densa ao centro. Através da folhagem podia-se vislumbrar o telhado pontiagudo de um prédio e, mais ao longe, um povoado e a cúpula azul de uma igreja.

A conversa descrita acontecia num amplo terraço, repleto de flores e plantas, que dava para um jardim onde havia uma trilha que levava ao lago. Junto à mesa, bem-posta com talheres de prata, cristais e vaso de flores, estavam o anfitrião, sua esposa, a filha Nádia, seu padrinho e um padre. No jardim, perto da escadaria, brincavam um garoto de treze anos e uma menina de sete.

O anfitrião, Philip Nikolaevitch Zamiatin, diretor de um banco em Kiev <sup>2</sup>, era muito estimado naquela cidade por sua honestidade e amável hospitalidade. Apesar de já ter passado dos cinquenta anos, era um homem bastante dinâmico. Sua esposa, Zóia Jossefovna, filha de um abastado usineiro de açúcar, herdara uma grande fortuna, e a luxuosa casa do casal era muito freqüentada pela alta sociedade.

A propriedade Gorky, onde a família chegara há apenas duas semanas, fazia parte de uma herança recebida por Philip Nikolaevitch. A casa senhorial tinha sido totalmente reformada para receber os Zamiatin.

— Não acha que estou certa, padrinho? Será que esta bela vista não é motivo suficiente para que permaneça conosco e esqueça essas estranhas superstições? Por que um lugar tão lindo haveria de ser malfadado? — perguntou Nádia, olhando com malícia para o almirante.

— Nádia está certa! Você deveria se colocar acima dessas lendas tolas, Ivan Andreevitch — afirmou o anfitrião, apoiando a filha. — Compreendo sua tristeza com o trágico

---

<sup>2</sup> — Kiev - Capital da Ucrânia e importante centro industrial, comercial e cultural.

## *A Filha do Feiticeiro*

fim de Marúsia — prosseguiu ele. — Mas, em vez de atribuí-lo a fenômenos ocultistas, seria mais sensato supor que ela tenha sofrido dois duros golpes: a perda do noivo e a surpresa ao vê-lo vivo novamente. Além disso, a repentina morte de Krasinsky também pode ter repercutido sobre sua natureza impressionável.

— Se vocês vissem o que vi e conhecessem todas as circunstâncias estranhas que cercaram a morte de Marúsia, mudariam de opinião. Que este lugar é malfadado e que aquela casa da ilhota viu coisas que os cientistas nem suspeitam, ah!... isto sim! O padre Timon pode confirmar tudo.

— Oh! Padre, por favor, conte-nos o que sabe sobre aquela casa. Quem a construiu e o que aconteceu por lá? Morro de vontade de conhecer aquela casa misteriosa que me aguça a curiosidade com suas torrezinhas pontiagudas como se fosse o castelo da “Bela Adormecida”. Assim que o barco for consertado vou com Mikhail Dimitrievitch conhecê-la.

Nádia sentou-se perto do padre e passou a insistir que ele lhe contasse o que sabia sobre a estranha casa.

— Bem, só posso contar o que sei. Infelizmente meu relato só vai reafirmar o motivo da repulsa do almirante por estas paragens — respondeu o reverendo com um suspiro lamentoso, referindo-se ao velho marinheiro.

Ele ficou por instantes pensativo, olhando para a ilhota que se descortinava sobre o espelho d’água do lago como um buquê de plantas, e depois começou:

*— Não conheci quem construiu o castelo da ilha, mas o meu antecessor, padre Porfírio, me contava que o proprietário de Gorky começou as obras após uma longa expedição ao exterior. Na época, conforme contavam, ele trouxe consigo um italiano que se dizia arquiteto; mas os trabalhadores insistiam em falar que ele era também feiticeiro, pois estava sempre na companhia de um cão negro que tinha um olhar quase humano e a quem todos temiam. Diziam ainda que o italiano tinha “olho gordo”, pois quando ele mirava algo acontecia depois alguma desgraça: as crianças adoe-*

*ciam, o gado morria e, às vezes, surgiam incêndios. Então, ficou difícil encontrar trabalhadores para a obra porque as pessoas fugiam assim que o viam de longe. Sua má fama aumentou ainda mais a partir do momento em que o proprietário não benzeu a casa após o término da construção.*

*Mais tarde, correu boato que o italiano havia morrido e fora sepultado na ilha. Depois, surgiram rumores que na ilha aconteciam coisas estranhas: por entre as árvores se viam fogos acendendo-se à noite e um cão uivava desesperadamente. Resumindo: a aldeia ficou em pânico. Até o proprietário ficou meio estranho: emagreceu a olhos vistos e procurou se isolar. Seis meses mais tarde apareceu morto na cama.*

*O filho dele se instalou por aqui com a esposa e um garoto de uns treze-catorze anos. Na época, fui designado como pároco do local e muitas vezes encontrei Pavel Pavlovitch Izotov. No início, ele era muito alegre e sociável; visitava os vizinhos, dava recepções e caçava. Depois, repentinamente, se enclausurou. Correram boatos que ele passava dias e noites lendo livros e documentos do pai. Mas quando sua esposa morreu de ataque do coração, ele se mudou definitivamente para a ilha. Entretanto, após alguns meses, foi embora para o estrangeiro levando o filho, Nikolai. Desde então, nunca mais os vi.*

*Passaram-se quinze anos sem que aparecesse nenhum dos proprietários de Gorky. A casa senhorial ficou com as portas e as janelas vedadas com tábuas, sob a constante vigilância do velho mordomo Thomas e de sua esposa. Ninguém punha os pés na ilha. Ao partir, Pavel Pavlovitch, proibiu terminantemente qualquer contato com o castelo.*

*Numa noite fria de tempestade do mês de dezembro, o vento assobiava por entre as tábuas do chão e a neve batia nas janelas. O frio ultrapassava os vinte graus negativos. Eu morava na velha casa paroquial, que já não existe mais, e tinha acabado de sepultar minha esposa. Sentia o peso da amargura daquela perda e, para desanuviar a tristeza, trabalhava até altas horas da madrugada. Já passava da meia-noite quando ouvi os sininhos de carruagem parando diante da casa.*

## *A Filha do Feiticeiro*

*“Deus do céu!... Alguém deve ter vindo me buscar para atender algum doente”, pensei comigo mesmo. Em seguida, bateram na porta de entrada e ouvi no saguão a conversa entre o caseiro e a esposa reclamando por terem sido acordados no meio da noite. Saí, ordenei-lhes que abrissem a porta e vi na minha frente um cocheiro coberto de neve.*

*“Não consigo entender o que aconteceu com ele pelo caminho”, dizia o cocheiro. “Nem sei se está vivo ou morto. O tempo está tão ruim que não dá para ver nada. Então, vim para cá, padre, em busca de ajuda.”*

*Iluminei com o lampião o interior da carruagem e vi deitado nas almofadas um homem jovem, de olhos fechados, completamente pálido, que, se ainda não tinha morrido, estava gravemente doente. A julgar pelo rico sobretudo, pelo luxuoso baú e pelos dois sacos de viagem, o rapaz era rico. Mas seria impossível continuar a viagem por mais duas léguas naquela tempestade. Ordenei, então, que o levassem para o quarto da minha falecida esposa, que eu não usava por me trazer tristes recordações.*

*O desconhecido foi levado para lá e prestei-lhe ajuda. Ele abriu os olhos, mas estava tão fraco que mal conseguia falar. A pedido dele retirei do saco de viagem um frasco com gotas, que ele tomou, e adormeceu. Seu rosto, apesar da aparência desgastada e doentia, me parecia familiar. Entretanto, eu não conseguia recordar onde e quando o tinha visto. No dia seguinte, o doente se recuperou o suficiente para começar a se comunicar. Para minha grande surpresa reconheci que o meu visitante era Nikolai Pavlovitch Izotov, proprietário de Gorky, cujo pai tinha falecido há quatro anos.*

*Ele pretendia partir imediatamente para a sua propriedade, mas o dissuadi da idéia de se instalar na casa desabitada por tantos anos e me propus ir até lá pessoalmente para mandar que acendessem a calefação, arrumassem os quartos e para auxiliar o velho mordomo. Decidi colocar na cozinha a irmã de minha funcionária, Marta, pois a esposa de Thomas estava muito adoentada.*

*Nikolai Pavlovitch agradeceu, aceitou as minhas suges-*